



A Estação de Joaquim Egídio completamente abandonada



O patrimônio histórico está perdendo a Estação

Foi o trem, foi o bonde. E agora...

Agora, a Estação de Joaquim Egídio está sendo derrubada. E os moradores protestam

Primeiro levaram o trem, depois o bonde, a seguir os trilhos e agora estão derrubando a estação. E os moradores de Joaquim Egídio dizem que já começam a viver de saudades. Mas, lembram que as autoridades deviam se preocupar com o pouco de história que ainda lhes restam.

A questão começou quando iniciaram a demolição da velha estação construída no final do século passado e que apesar de desativada, era considerada um patrimônio histórico do sub-distrito. O prédio começou a ser derrubado da noite para o dia, como afirmou o presidente da Sociedade Beneficente Amigos de Joaquim Egídio, Constantino Milano.

A Sociedade, segundo ele, não havia pedido o tombamento do prédio, porque ninguém suspeitava que al-

guém um dia viesse a jogar tudo por terra. Sabiam que a estação, antigamente construída por fazendeiros, passou para a Estrada de Ferro Sorocabana e depois foi encampada pela Fepasa. Agora, sabem que a área já é de propriedade particular e que no local provavelmente vai nascer uma entidade filantrópica.

No setor de Patrimônio da Fepasa, a informação foi de que realmente a estação foi vendida em 1981, exatamente no dia 15 de janeiro.

Demolida

Hoje a estação se reduz a uma parede e os alicerces. E quem conta com tristeza o fim da velha estação é Artur Vicentin, que mora vizinho ao prédio em demolição. Ele disse que

nasceu ali nas proximidades e cresceu admirando a "cabrita" um trem pequeno, e interessante que circulava entre Joaquim Egídio e o centro de Campinas e de Joaquim Egídio a Comendador Lacerda. Os trilhos percorriam todas as fazendas do café, permitindo o recolhimento da produção.

— A Cabrita era à lenha e em 1920 foi eletrificada, talvez sendo uma das primeiras ferrovias a funcionar com eletricidade. Por fim, com a construção das estradas, o trem foi substituído pelo bonde, isso há menos de 30 anos. E a estação ficou lá a lembrar os velhos tempos, o esforço dos cafeicultores que construíram o ramal e colocaram o trem em funcionamento.

A Sorocabana, segundo ele, não deixou ali, nem mesmo a "Cabrita" de lembrança, a qual poderia estar es-

tacionada em frente à estação, lembrando até mesmo os tempos de ouro do município quando sua população chegou a 35 mil habitantes por causa do café que era a grande riqueza do momento.

E seu Constantino Milano disse que se houvesse uma previsão do que iria acontecer, a população teria agido a tempo e impediria o fim da estação. Mas, hoje, quando tudo já está no chão, não há muito o que fazer, lembrou.

— Agora, ressaltou o presidente da Sociedade, vamos tomar cuidado para que não derrubem também a casa onde nasceu e viveu Dom Agnello Rossi.

Recuperação

Já o advogado Sergio Portella, da

Sociedade Febre Amarela, disse que a reconstrução poderá até ser possível, devendo haver o tombamento da área e do prédio e recuperação do material já demolido.

Mas tanto ele, como Luiz Cláudio Bittecourt, também do grupo Febre Amarela, lamentaram o fato da Prefeitura não ter conseguido a criação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, que seria encarregado da preservação do patrimônio histórico, pois segundo explicaram, muitas obras antigas ainda poderão cair por terra.

Eles estranharam também o fato do Secretário de Cultura de Campinas, Antonio Augusto Arantes Neto, não ter tomado providências, uma vez que ele mora nas proximidades da estação e como afirmaram, deve passar por ali todos os dias.